

O Pré-fascismo de **Trump** e Progressivas Oportunidades de Populismo

A Lúgubre Cartografia de um Estado Pré-Fascista

Pontos de Partida

O discurso inaugural de **Donald Trump**, em 20 de janeiro, levou-me a refletir sobre o que poderia significar viver num estado pré-fascista. Depois de refletir sobre passagens-chave do discurso, e de conversas com amigos, cheguei à conclusão de que



todos os elementos estavam no lugar, apesar das imprecisões de um demagogo. No entanto, não duvido que existam muitos ideólogos nos corredores, talvez agora confortavelmente situados na Ala Oeste, prontos a suavizar os pontos conceituais mais controversos, e a acrescentar uma conceção ideológica, dando-lhe assim uma aparência de coerência. Considerando os atropelos diários que emanam da Casa Branca, desde o choque inaugural, os próximos anos serão duros para todos nós, com muitas barbaridades a ser preparadas para os mais vulneráveis.

Naturalmente, que a **Marcha das Mulheres** em 21 de janeiro foi temporariamente redentora, e se tal energia poder ser mantida, será, potencialmente, transformadora. É estranho admiti-lo, mas poderá haver cooperação tácita e eficaz, entre o «**deep state**» [*forças armadas, serviços secretos, departamentos governamentais, grandes multinacionais, etc.*] e um populismo progressista, convergentes em torno de suas razões divergentes, para se opor profundamente ao choque e temor da presidência **Trump**.

Trump pode inventar "factos alternativos" para restaurar sua autoestima narcisista, mas quando se trata de programa, infelizmente, até agora tem sido fiel à sua palavra! Isso por si só, deve encorajar uma oposição unificada, energética e determinada. Se o **Tea Party** pode fazê-lo, por que não podemos nós?

O Momento Pré-Fascista

Em primeiro lugar, é necessário apreciar o Discurso Inaugural de **Trump** como um apelo pré-fascista:

1. Colocar o poder e a legitimidade, no povo, mas somente naquele cujo apoio foi fundamental na eleição do novo presidente; a maioria popular que se lhe opôs é presumida irrelevante, ou pior;
2. Denegrir a classe política de ambos os partidos políticos, como corruptos e responsáveis pelo declínio do país, e as dificuldades que afligem aos seus apoiantes;
3. Presumir uma massiva e incondicional confiança no grande líder que promete uma rutura com o passado, e que sozinho será capaz de superar a antiga ordem estabelecida, e produzir as necessárias mudanças domésticas, e no exterior;

FORUM ABEL VARZIM

4. Tornar credível a visão de mudança, pela nomeação de homens principalmente brancos, a maioria com altas credenciais, bem-aventurados bilionários ignorantes sobre os papéis que lhe foram atribuídos, ou um passado de oposição à missão burocrática que se comprometem a realizar (Ambiente, Energia, Educação, Economia);
5. O endosso do nacionalismo excludente que eleva a divisa "**América Primeiro**" ao status de **Primeiro Princípio**, constrói um muro contra o seu vizinho latino, adota uma postura cruel e punitiva contra muçulmanos e imigrantes indocumentados, a hostilidade aos direitos das mulheres, casamento gay, dignidade dos transsexuais, ameaças a minorias não-brancas, residentes das cidades do interior e vozes independentes, nos média e em outros lugares;
6. Enaltece os militares e a polícia como sendo a espinha dorsal do carácter nacional, diminui a proteção contra abusos civis ou militares; o que ajuda a explicar a seleção de uma série de generais para servir em papéis civis sensíveis, bem como a revitalização de Guantánamo e o enfraquecimento de políticas anti tortura;
7. A inquietante ausência de um movimento, liderança e programa de oposição antifascista suficientemente mobilizado. O facto de o **Partido Democrata** não ter aproveitado o momento de forma vigorosa e criativa; uma liderança progressista populista ainda tem de surgir inspirando confiança e esperança; até agora há faíscas, mas não há fogo.

Felizmente, existem algumas tendências mais encorajadoras que podem constituir desafios antifascistas, dentro e fora:

1. **Trump** perdeu o voto popular, lançando uma nuvem sobre o seu alegado mandato, de ser o veículo do "**povo**". Além disso, o seu índice de aprovação continua a cair, e está agora abaixo de 40% de acordo com sondagens confiáveis;
2. Os sinais de insatisfação intensa estão dando origem a atividades de protesto que são enormes e parecem profundamente enraizadas nas crenças e compromissos dos cidadãos comuns, especialmente as mulheres e os jovens;
3. A sociedade americana não está em crise, e os apelos da direita extremista são forçados, ao apresentar um retrato, grandemente exagerado e enganador, do desastre da economia americana, dos males da globalização económica e das relações comerciais injustas, as quais são amplamente consideradas como sendo em grande parte "Falsas";
4. Existem fissuras dentro do Partido Republicano, e os grupos de reflexão do sistema governamental, especialmente em matéria de política económica e de segurança internacional, podem produzir tensões crescentes, e desafios, para a liderança de **Trump**;
5. Há uma crescente duvida dentro dos serviços secretos bipartidários, e dos meandros da segurança nacional, sobre se **Trump** e o Trumpismo podem ser domesticados, antes que destruam a ordem internacional pós-1945 ancorada na presença militar global dos EUA, uma rede global de alianças, e uma disposição para uma Segunda guerra fria focada na hostilidade à Rússia. Se esses indícios não forem domados, os cenários de "**impeachment**" surgirão em breve, baseados não nas preocupações reais, mas construídos em torno de conflitos económicos de interesses, subornos e transações ilegais.

FORUM ABEL VARZIM

Em toda a minha vida, com a possível exceção da Grande Depressão, a América nunca foi testada como o é agora. Talvez, nem desde a **Guerra Civil Americana** tenha estado tanto em jogo, e em risco.

A tradicional confiança nos partidos políticos e nas eleições não servirão de muito, até que o clima político seja radicalmente alterado, por forças internas, de fora ou de dentro. Parece estranho, mas as duas principais forças de resistência à realidade pré-fascista que ameaçam o futuro do país e do mundo, são o progressivo populismo, manifestado pelo movimento de protesto, de base popular, que se formou logo após a ascensão de **Trump** à presidência, e a deserção do «**deep state**» [conjunto de instituições, trabalhando e governando na sombra, qualquer que seja o Presidente] demonstrado pela deserção anti-Trump, de membros dos serviços secretos e especialistas de segurança nacional, tanto republicanos como democratas durante, e após, a recente caracterização da atual realidade política como "**pré-fascista**" e não "**fascista**" é crucial para esse esforço de descrever com precisão o momento histórico associado à indução formal de **Donald Trump** como o 45.º presidente dos Estados Unidos. Falar como se os Estados Unidos fossem um estado fascista é falsificar a natureza do fascismo e desacreditar o discurso crítico fazendo-o parecer histórico. No entanto, não há dúvida de que "as peças estão no lugar" o que poderia facilitar uma transição, horrível, do pré-fascismo para o fascismo, o que poderia acontecer à velocidade da luz. Também é tristemente verdade, que a eleição de **Donald Trump**, faz do fascismo uma espada de **Damocles** pendendo de um frágil fio, sobre o corpo político americano.

No entanto, não devemos ignorar as realidades específicas que caracterizam o pré-fascismo.

Ainda é possível, nos Estados Unidos, organizar, protestar e opor-se sem receios sérios de represálias ou detenções. Os média podem expor, ridicularizar e criticar, sem encerramentos ou ações punitivas, enfrentando apenas os **tweets** irritados, e os **insultos** de **Trump**, embora essa reação não deva ser minimizada, pois poderia ter um impacto perigoso e intimidante sobre como as notícias são apresentadas. Estamos numa situação em que o desafio político essencial, é reunir a energia e a criatividade necessárias para construir uma «**firewall**», muralha de fogo, em torno da democracia constitucional como existe nos Estados Unidos e esperar que um procedimento político mais saudável e humano leve, rápida e decisivamente, a repudiar as políticas e atitudes que dimanam deste conjunto de circunstâncias pré-fascistas.

Richard Falk

Richard Falk é um Professor em direito e relações internacionais, que ensinou na Universidade de **Princeton**, durante quarenta anos. Desde 2002 tem vivido em Santa Barbara, Califórnia, e ensinado Estudos Globais e Internacionais ("**Global and International Studies**" no campus local da Universidade da Califórnia e desde 2005 preside ao Conselho de Administração da Fundação "Nuclear Age Peace". [Iniciou este blog](#), em parte, em comemoração do seu 80.º aniversário.

TRADUÇÃO LIVRE - EDITADA
da responsabilidade de
Forum Abel Varzim - Lisboa / Portugal